

O fenômeno do encontro: uma abordagem fenomenológica e da filosofia da linguagem

The phenomenon of encounter: a phenomenological and philosophy of language approach

ISAAC CIRQUEIRA LOPES¹

Resumo: O texto aprofunda a noção de "encontro" sob uma perspectiva fenomenológica, especialmente a partir das contribuições de Merleau-Ponty. O encontro é compreendido como uma experiência rica e complexa, marcada pela interação entre sujeitos e pela construção de significados compartilhados. A linguagem é central nesse processo, moldando a percepção e criando novos sentidos. O encontro é visto como uma experiência ética que exige uma abertura para a alteridade e o reconhecimento da singularidade do outro. Além disso, o encontro é um evento indeterminado e transformador, capaz de mudar as pessoas e suas relações com o mundo.

Palavras-chave: Encontro. Fenomenologia. Intersubjetividade. Linguagem.

Abstract: The text explores the notion of "encounter" from a phenomenological perspective, especially based on Merleau-Ponty's contributions. The encounter is understood as a rich and complex experience, marked by interaction between subjects and the construction of shared meanings. Language is central to this process, shaping perception and creating new meanings. The encounter is seen as an ethical experience that requires an openness to otherness and recognition of the singularity of the other. Furthermore, the encounter is an indeterminate and transformative event, capable of changing people and their relationships with the world.

Key-Words: Meeting. Phenomenology. Intersubjectivity. Language.

Introdução

Então,

o mundo fenomenológico é não o ser puro, mas o sentido que transparece na intersecção de minhas experiências, e na intersecção de minhas experiências com aquelas do outro, pela engrenagem de umas nas outras; ele é, portanto, inseparável da subjetividade e da intersubjetividade que formam sua unidade pela retomada de minhas experiências passadas em minhas experiências presentes, da experiência do outro na minha (Merleau-Ponty, 1999, p. 18).

¹Possui graduação em educação física pela Universidade Paranaense (2011). Mestre em Educação em Ciências, Educação Matemática e Tecnologias Educativas pela Universidade Federal do Paraná (UFPR). Atualmente é servidor Técnico em Assuntos Educacionais no Instituto Federal do Paraná. E-mail: isaaclopes@ufpr.br

A palavra “encontro”, seja como verbo ou substantivo, evoca, de forma imagética, experiências que podem ser tanto positivas quanto negativas na percepção humana. É uma palavra ambígua, carregada de múltiplos sentidos que se modificam conforme o contexto e as subjetividades envolvidas. Em português, é particularmente curioso que o verbo na 1ª pessoa do singular do presente do indicativo e o substantivo compartilhem a mesma forma escrita e falada, sendo homônimas perfeitas. Contudo, ao se abordar a palavra por meio de somente categorias gramaticais, corremos o risco de restringir seu alcance semântico, ignorando as vastas possibilidades que ela encerra. No âmbito deste texto, abordarei o “encontro” enquanto fenômeno que ocorre entre pessoas, um evento carregado de profundidade relacional.

Do ponto de vista etimológico, a palavra “encontro” origina-se do latim *incontrare*, que significa “estar frente a frente” ou “colidir”. Assim, neste aspecto, podemos inferir, mesmo que de forma transitória, a complexidade inerente ao ato de se encontrar com o outro, uma experiência que pode tanto reafirmar identidades quanto desestabilizá-las. Essa ideia dialoga com a fenomenologia, especialmente com as reflexões de Merleau-Ponty, que argumenta que nossas experiências corporais estão intrinsecamente ligadas às interações com o outro e com o espaço em que nos situamos (Merleau-Ponty, 1999).

Para além da definição etimológica, é fundamental compreender o encontro como fenômeno vivido. A partir da fenomenologia de Merleau-Ponty, especialmente em sua obra *Fenomenologia da Percepção*, entende-se que nossa relação com o mundo não ocorre por intermédio de abstrações, mas por meio de nossa corporeidade. O corpo, enquanto veículo de existência, desempenha um papel central nos encontros, tornando-os eventos fenomenológicos únicos. O engajamento com o outro transcende os sentidos isolados, como visão ou tato, e assume a forma de uma “percepção intersubjetiva”, na qual o outro é reconhecido como um ser que coabita o mesmo mundo compartilhado. Esse reconhecimento não é apenas cognitivo, mas profundamente enraizado na experiência sensível e relacional (Merleau-Ponty, 1999).

Para efeitos didáticos, compreenderei os encontros a partir de duas categorias principais: o encontro original e o encontro derivado. O encontro

original é caracterizado por sua espontaneidade, emergindo em situações desprovidas de expectativas ou construções prévias. Exemplos disso incluem a experiência de ingressar em um espaço desconhecido, como uma sala de aula onde há pessoas não vistas anteriormente, onde o contato com o outro ocorre de maneira direta e não mediada, um modo de estar no mundo que antecede qualquer reflexão ou interpretação consciente. Nessa experiência, o corpo e os sentidos são os primeiros a interagir com o outro, estabelecendo um vínculo inicial que abre possibilidades de significação futuras (Merleau-Ponty, 1999).

Por outro lado, o encontro derivado é marcado por intencionalidades claras e pré-compreensões. É o caso de situações planejadas, como reuniões, debates ou interações organizadas em função de um propósito específico. Ainda que mediado por objetivos ou expectativas, o encontro derivado não é completamente previsível. Merleau-Ponty aponta que o sentido dos eventos humanos não é fixo ou dado de antemão; ele surge na dinâmica da interação, permitindo que o inesperado continue a desempenhar um papel central. Essa imprevisibilidade ressalta o caráter relacional e processual do encontro, mesmo quando suas condições parecem delimitadas (Merleau-Ponty, 1999).

Além disso, o encontro humano pode ser compreendido como uma abertura ao outro, carregada de vulnerabilidade e potencial de transformação. É por meio do encontro que somos confrontados com o reconhecimento da diferença e da singularidade do outro, o que exige uma resposta ética e nos retira de nossa posição de indiferença. Ainda que esse encontro seja, muitas vezes, inesperado, ele inaugura possibilidades para relações interpessoais que vão além do utilitarismo, sendo profundamente marcadas por uma dimensão ética e relacional (Levinas, 2000).

No entanto, o caráter transformador do encontro não está isento de desafios. Seja em um encontro fortuito, como uma breve interação no cotidiano, ou em situações mais complexas, como diálogos em contextos de conflito, há sempre o risco de tensão ou incompreensão. Apesar disso, o encontro permanece um espaço privilegiado de aprendizado e ressignificação, permitindo que novos sentidos emergjam. Nesse aspecto, podemos considerar as implicações políticas do

encontro, entendendo-o como um ato que, ao conectar mundos distintos, tem o poder de gerar novas perspectivas e fomentar mudanças sociais.

Quando duas pessoas se encontram, ocorre um entrelaçamento de mundos vividos, que não surge de forma isolada, mas em um contexto de redes pré-existentes de significação. Esse caráter relacional do encontro evidencia que ele não acontece em um vazio, mas está sempre situado em um mundo repleto de histórias, significados e possibilidades. A fenomenologia sugere que o mundo vivido não é um conjunto de objetos passíveis de controle ou posse, mas uma realidade inesgotável à qual estamos abertos e com a qual interagimos continuamente. Cada encontro reflete, assim, tanto a singularidade das trajetórias pessoais de cada indivíduo quanto as condições específicas que configuram aquele momento. Essa perspectiva revela a historicidade que permeia os encontros, pois eles carregam consigo um "pré-compreensivo", ou seja, um conjunto de significados pré-reflexivos que influenciam a interação (Merleau-Ponty, 1999).

A linguagem desempenha um papel fundamental na experiência do encontro, funcionando não apenas como um instrumento de comunicação, mas como um fenômeno que transforma e revela a relação entre os sujeitos e o mundo. Para Merleau-Ponty, a linguagem não se limita a transmitir informações; ela é constitutiva da experiência humana, moldando nossa percepção e abrindo novas possibilidades de sentido. No contexto do encontro, a palavra não apenas constrói pontes entre os interlocutores, mas também delimita fronteiras, instaurando um jogo dinâmico entre conexão e distanciamento. É nesse espaço intermediário, entre o dito e o não-dito, que o encontro adquire profundidade e intensidade (Merleau-Ponty, 1999). Silva (2023), sobre isso, diz o seguinte: "Da mesma forma que o pensar e o falar não se esquivam, o dito e o não-dito não se cindem. Há aí uma espécie de harmonia de opostos; uma co-esão interna na qual, desde sempre, habitamos ou coabitamos".

A tensão entre o que é expresso e o que permanece implícito destaca uma das características mais intrigantes da linguagem no encontro. Merleau-Ponty, em *O Visível e o Invisível*, explora a relação entre essas dimensões como uma "harmonia de opostos", onde o silêncio e a palavra coexistem de maneira

indissociável. No encontro, o não-dito — aquilo que se comunica sem palavras, por meio de olhares, gestos e pausas — é tão significativo quanto aquilo que é verbalizado. Essa dimensão tácita da linguagem, um espécie de "linguagem encarnada", segundo Merleau-Ponty, é uma forma de expressão profundamente enraizada na corporeidade. Assim, o corpo torna-se o mediador do encontro, traduzindo sentimentos e intenções que escapam ao discurso explícito (Merleau-Ponty, 2000).

Além disso, a linguagem no encontro não é estática; ela se desdobra como um movimento contínuo de significação. O dito e o não-dito não estão em oposição, mas se entrelaçam em uma dinâmica que reflete a complexidade da experiência intersubjetiva. No encontro, a linguagem se revela como uma estrutura fluida, na qual os interlocutores não apenas compartilham significados, mas também recriam sentidos em um processo de constante transformação. Essa característica ressalta o potencial criativo do encontro, no qual novas perspectivas emergem a partir do engajamento mútuo (Merleau-Ponty, 2000).

A partir dessa perspectiva, pode-se afirmar que a linguagem no encontro não é meramente funcional; ela carrega um potencial existencial e político. A escolha de palavras, os silêncios e as expressões corporais compõem uma dinâmica que reflete relações de poder, proximidade ou resistência. Em situações de confronto, por exemplo, o silêncio pode se tornar um gesto de oposição, enquanto em momentos de conexão profunda, ele pode expressar uma cumplicidade tácita. Assim, a linguagem no encontro é uma prática que transcende o nível simbólico e adquire um caráter ético, pois exige que os interlocutores se abram à alteridade e reconheçam a singularidade do outro como parte do diálogo (Levinas, 2000).

Além dessa distinção, os encontros podem ser analisados em termos de sua indeterminação, um elemento essencial da experiência humana segundo Merleau-Ponty. Cada encontro carrega consigo um conjunto único de histórias, crenças e percepções trazidas pelos participantes. Essa diversidade cria um campo de possibilidades, no qual as interações se desenrolam de maneira fluida e contingente. A indeterminação, longe de ser um obstáculo, é a fonte da riqueza dos encontros, pois permite que eles se desdobrem em múltiplas direções e

tragam à tona novos sentidos. A fenomenologia nos ajuda a compreender que o encontro é sempre mais do que a soma das intenções individuais, pois envolve a interação dinâmica entre os mundos vividos de seus participantes (Merleau-Ponty, 2000).

Outra dimensão filosófica relevante para a análise dos encontros é o modo como eles transformam os envolvidos. Seja no encontro original, em que a ausência de expectativas abre espaço para o impacto da alteridade, seja no encontro derivado, onde a interação pode subverter finalidades iniciais, o contato com o outro carrega um potencial de mudança profunda. Como destaca Levinas, o encontro é uma experiência ética por excelência, pois confronta cada sujeito com a singularidade do outro e exige uma resposta que transcenda o eu. Essa perspectiva reforça a ideia de que os encontros não são apenas eventos pontuais, mas processos que participam da construção contínua do ser e do sentido no mundo (Levinas, 2000).

No campo da filosofia da linguagem, o encontro pode ser interpretado como um acontecimento linguístico no qual o diálogo emerge como espaço de convergência entre sujeitos. Merleau-Ponty nos convida a pensar na linguagem como mais do que um sistema de signos: ela é um ato criativo, o lugar onde o ser humano se revela e se transforma. O diálogo, entendido como co-criação de sentido, não é apenas uma troca de palavras, mas um evento fenomenológico no qual as subjetividades se entrelaçam e dão forma a novas compreensões mútuas (Merleau-Ponty, 2000).

Na experiência do encontro, a linguagem jamais é neutra ou meramente funcional. Merleau-Ponty destaca que ela está sempre carregada de intencionalidade, refletindo escolhas, contextos e emoções dos envolvidos. No diálogo, a expressão verbal — palavras, entonações e até silêncios — configura uma teia dinâmica de significados que transformam a relação entre os interlocutores. Nesse processo, cada sujeito é simultaneamente autor e leitor, participando da criação de uma narrativa comum enquanto é transformado por ela. Esse caráter interativo e aberto do encontro linguístico reflete a natureza fluida da linguagem, que se adapta e se reinventa constantemente no fluxo das interações humanas (Merleau-Ponty, 2000).

A dimensão fenomenológica do encontro linguístico também ilumina o papel do corpo e do contexto no diálogo. A linguagem encarnada, conceito central em Merleau-Ponty, reconhece que a comunicação não se limita à esfera simbólica, mas está enraizada na corporeidade. O olhar, o gesto, a pausa e o tom são tão fundamentais quanto as palavras ditas, compondo uma dimensão tácita que muitas vezes carrega os sentidos mais profundos do encontro. Além disso, a linguagem, enquanto prática intersubjetiva, não ocorre em um vazio; ela está situada em um mundo carregado de historicidade e pré-compreensões que influenciam o modo como os sujeitos se encontram e dialogam (Merleau-Ponty, 2000).

Conclusão

O encontro, entendido como fenômeno linguístico e experiência intersubjetiva, transcende a simples interação verbal para se tornar um evento carregado de significado existencial. Ele opera como um espaço onde o "entre" — essa zona liminar que relaciona o eu ao outro — é explorado e ressignificado. Na perspectiva de Merleau-Ponty, o encontro linguístico é sempre uma oportunidade de transformação mútua, na qual a linguagem desempenha o papel de mediadora entre subjetividades e de criadora de novos sentidos.

353

Referências

LEVINAS, E. *Totalidade e infinito*: ensaio sobre a Exterioridade. Tradução de José Pinto Ribeiro. Lisboa: Edições 70, 2000.

MERLEAU-PONTY, M. *Fenomenologia da percepção*. Tradução de Carlos Alberto Ribeiro de Moura. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

O visível e o invisível. Tradução de José Arthur Giannotti e Armando Mora d'Oliveira. São Paulo: Perspectiva, 2000.

SILVA, C. A. F. "A dobra carnal do logos: Merleau-Ponty e o prodígio da linguagem". In: *Perspectiva Filosófica*, Recife, v. 50, n. 3, p. 261-282, 2023. Disponível em: <https://periodicos.ufpe.br/revistas/index.php/perspectivafilosofica/article/view/58445>.

O fenômeno do encontro: uma abordagem fenomenológica e da filosofia da linguagem

Submissão: 15. 12. 2024

/

Aceite: 21. 12. 2024

354